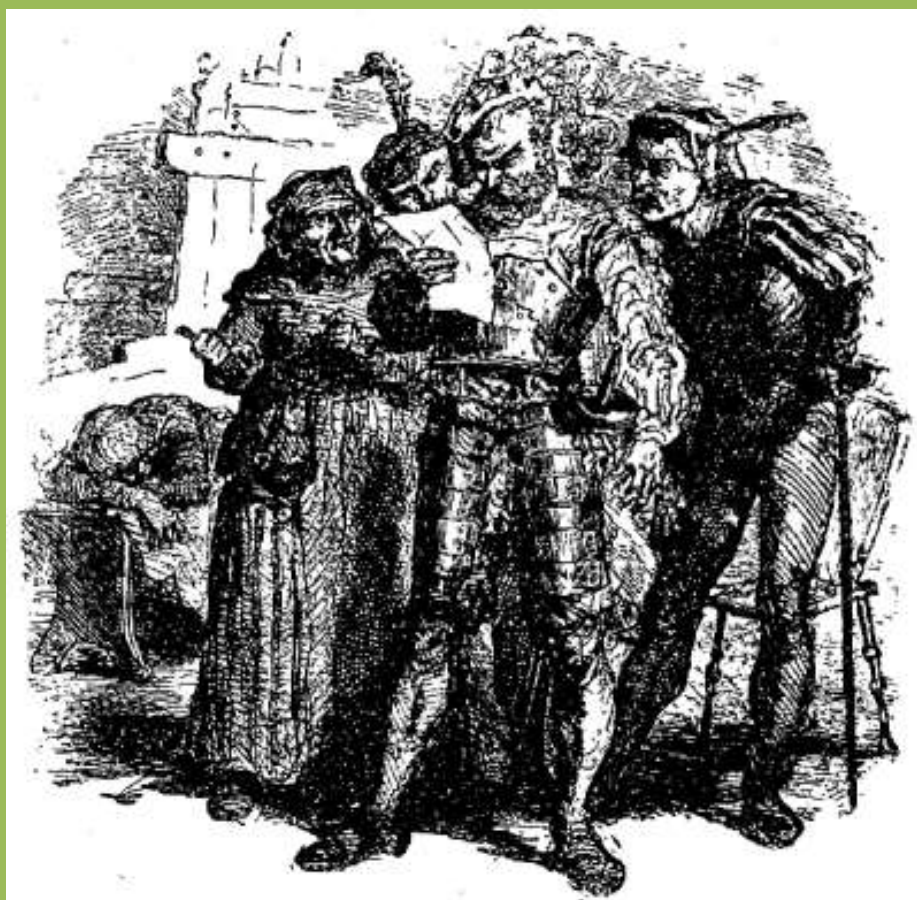


CLÁSSICOS INFANTOJUVENIS

Pérolas e Diamantes

Contos Infantis
ilustrados



Jacob Grimm

Wilhelm Grimm

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE RIO DE MOURO

Título: Pérolas e Diamantes - Contos Infantis

Autor: Jacob Grimm e Wilhelm Grimm

Tradução: Henrique Marques Junior

Adaptação: Carlos Pinheiro

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos infantojuvenis

Paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

Origem do texto: Projeto Gutenberg

2.ª edição: junho de 2013

ISBN: 978-989-8671-05-9

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

ÍNDICE

O violino maravilhoso.....	4
João no auge da alegria	12
Pele d'urso	20
Aventuras de João-Pequenino.....	28
Os três cabelos de ouro do Diabo.....	38
O sapateiro e os gnomos.....	49
As três penas	52
O violinista.....	57

O VIOLINO MARAVILHOSO



Era uma vez um homem muito rico, mas muito avarento, que tinha como criado um rapaz honesto e ativo, como não haverá muitos; todas as manhãs o moço levantava-se ao romper da alva e só se deitava ao último cantar do galo.

Quando havia algum trabalho mais penoso, ante o qual todos recuavam, o rapaz fazia-o, contente, satisfeito e sem sombra de azedume.

Ao fim primeiro ano de trabalho, o avarento, que não estipulara salário ao rapaz, nada lhe tinha pago, pensando de si para si que o moço, não tendo dinheiro, não se tentaria com outra colocação. O rapaz calou-se e continuou a trabalhar como dantes; ao cabo de dois anos, o avarento nada pagara, e o rapaz permaneceu no seu mutismo.

Ao fim do terceiro ano, o rico, espicaçado pela consciência, meteu a mão ao bolso para remunerar o fiel criado, mas, raciocinando, arrependeu-se e tirou a mão vazia. O rapaz exclamou então:

— Patrão servi-o três anos o melhor que me foi possível; agora quero ver mundo e por isso peço que me pague os salários que me deve.

— Tens razão — respondeu o rico avarento —, fiquei sempre muito satisfeito com o teu trabalho e a tua boa-

vontade, e por isso vou remunerar-te como mereces. Aqui tens três escudos novos; é um por cada ano que me serviste.

O rapaz, que andava sempre alegre e que era duma grande simplicidade no que respeitava a dinheiro, julgou ter recebido uma fortuna que lhe permitiria viver vida folgada por largos anos.

Disse adeus ao antigo patrão e foi-se embora, atravessando montes e vales, cantando, saltando e alegre que nem um passarinho.

Ao aproximar-se dum monte, viu sair um velhinho muito corcovado que lhe gritou:

— Olá, companheiro, pareces contente com a vida?!

— Que ganho eu em me apoquentar? — retorquiu o moço — Tenho na algibeira a soldada de três anos de trabalho.

— E a quanto monta essa fortuna?

— A três escudos novinhos, muito luzidios. Olha, sente-os trincolear, quando lhes toco com as mãos?

— Ora ouve cá — tornou o gnomo, de bom coração como se vai ver. — Eu estou muito velhinho, e forças para trabalhar já não tenho; tu, que és novo e forte, estás ainda em bom tempo de ganhares a vida.

O rapaz, que era de boa índole, apiedou-se do velho gnomo e fez-lhe presente dos três preciosos escudos que tanto prazer lhe davam.

— Como és caridoso — expressou-se então o génio bom em figura de gnomo — dou-te licença para que me peças três coisas que são a paga dos teus três escudos.

— Então, pois sim! — disse o rapaz incredulamente. — Isto que tu queres fazer é só do domínio das fantasias para entreter crianças. Mas, enfim, sempre quero experimentar. Desejo então: uma espingarda que acerte logo no que eu alveja; um violino que tenha a virtude de forçar a bailar todos quantos

me oiçam; e, finalmente, que toda e qualquer pessoa me conceda, sem hesitação, a graça que eu pedir.

— És modesto a pedir — retorquiu o gnomo que, curvando-se, tirou do monte uma espingarda, e um bonito violino que se podia meter na algibeira. — Aqui tens — continuou o gnomo ao dar-lhos — e fica ciente de que serás servido sempre na primeira graça que solicitares.

O rapaz, jovialíssimo, continuou a sua rota. Depois de caminhar um bocado deparou-se-lhe um judeu, muito feio, com barbas de chibo muito compridas e que estava absorto a ouvir o canto de uma avezinha.

— É extraordinário que um animal de tão pequeno possua um trinado tão belo. Quanto não daria eu para o ter engaiolado!

— Posso satisfazer o teu desejo — disse o rapaz que tinha ouvido as últimas palavras, e apontando a espingarda ao passarinho este caiu atordoado em cima dos espinhos.

— Vá lá, seu maroto, vá lá buscar o passarinho.

— Tratas-me com crueldade — respondeu o judeu —, mas não deixo de agradecer-te e vou apanhar a avezinha.

Em seguida meteu-se pelos espinhos custando-lhe a abrir caminho. De súbito o rapaz teve uma estupenda lembrança: principiou a dar arcadas no violino. Logo o judeu ergueu as pernas e começou a saltar, a pular, a torcer-se todo, ficando preso nos espinhos dos ramos, em que se achava e que lhe espicaçavam a cara, arrancando-lhe as barbas; ficou com o vestuário todo rasgado e a cara a escorrer sangue.

— Ai, ai! — lastimava-se o infeliz judeu. — Sossega, aquietate-te, não toques mais nesse amaldiçoado instrumento; aqui não é lugar próprio para baile!

O travesso moço não fazia caso do pedido pensando com os seus botões:

— Este rabino esfolou tanto infeliz enquanto pôde, que é justo que seja esfolado agora!

E de novo pegou no violino tirando acordes mais ligeiros. O pobre judeu, forçado a acompanhar o compasso, pulava e saltava; a cara cada vez estava mais ensanguentada, o fato desfazia-se em farrapos e o pobre velho gemia de dor. Enquanto isso, gritava:

— Apieda-te de mim, pelas barbas de Abraão, que em paga te darei uma bolsa cheia de dinheiro que trago comigo.



— Alegras-me tanto com essa boa-nova que vou guardar o dinheiro. Antes, porém, quero dar-te os meus parabéns pela maneira graciosa e original por que danças! É uma perfeição!

O judeu então, entregando-lhe a bolsa que prometera, suspirou imenso, enquanto o alegre moço continuou a andar,

cantando. Quando já não o via, o rabino, não podendo conter o seu rancor, exclamou:

— Músico das dúzias, estás a contas comigo. Grande marau! Hás de pagar-me a partida mais cara do que ossos!

Tendo com essa fala dado vasão ao seu ódio, seguiu por atalhos e alcançou a cidade mais próxima antes que o rapaz aparecesse. Uma vez lá, foi queixar-se ao juiz nestes termos:

— Venho aqui pedir justiça, senhor, para um maroto que me atacou, maltratou e roubou o que eu trazia. A prova de que não minto é vera maneira como tenho o fato e a minha cara. Forçou-me a dar-lhe a bolsa que trazia cem moedas de ouro, que eram todo o meu pecúlio, as economias que consegui com o meu trabalho, o único bem que possuía. Faça todo o possível para que esse tesouro me seja restituído.

— Foi com alguma arma que o gatuno te pôs assim? — perguntou a autoridade.

— Nada, não senhor. Agarrou-me e agatanhou-me. É ainda moço, e traz uma espingarda e um violino; com estes dados facilmente se conhece.

O magistrado pôs em campo os guardas, que depressa viram o indigitado marau, que muito tranquilamente se encaminhou para essa localidade. Deram-lhe voz de prisão e trouxeram-no ante o magistrado e o judeu, que repetiu a acusação.

— Não toquei nessa criatura nem com um dedo — defendeu-se o rapaz — assim como não lhe tirei à força o dinheiro que ele trazia; ofereceu-mo da melhor vontade para que eu não tocasse mais no violino, cujos acordes o punham nervoso!

— É mentira! — exclamou o rabino. — Está a mentir impunemente!

— Está resolvida a questão — disse o magistrado —, pois é caso extraordinário um judeu dar de mão beijada uma bolsa com ouro, só para não ouvir um bocado de música. Pois se-

nhor: a sentença do seu mau ato está lavrada: vai ser enforcado imediatamente!

O verdugo, que se havia ido chamar, segurou o inocente moço, conduziu-o à forca, que já estava erguida na praça principal onde ocorreu toda a cidade em peso, e o rabino fora o primeiro a mostrar-se fazendo menção de socar o pobre condenado, verberando:

— Malandro, vais ter a recompensa que te é devida!

O moço conservou-se muito tranquilo; subiu sozinho a escada apoiada à forca; ao chegar ao topo, virou-se para o juiz já togado, que viera vistoriar o patíbulo e solicitou-lhe:

— Antes de ter o nó na garganta, concede-me um derradeiro favor?

— Concedo — respondeu o magistrado —, desde que não seja o perdão!

— Nada disso é, pois não sou tão exigente... desejava apenas tirar uns ligeiros acordes do violino!

Ao ouvir tais palavras, o rabino deu um estridente grito de susto e pediu encarecidamente ao juiz que não consentisse!

— Qual a razão por que não hei de conceder a graça que este homem me pediu, se é a única alegria que por instantes posso dar-lhe? Tragam-lhe o violino.

— Ai, meu Deus! — lamentou o rabino querendo fugir, mas sem que lhe fosse possível abrir caminho pela compacta massa de povo que enchia a praça.

— Dou-lhe uma peça de ouro — prometeu ele no auge da aflição — se me amarrar com força ao pau da forca!

Nesse instante, porém, o rapaz deu o primeiro toque no violino. O magistrado, o escrivão, o beleguim, os guardas, enfim tudo o que compunha o corpo da magistratura da terra, os circunstantes, o próprio judeu, tiveram um estremecimento;

ao segundo toque, todos ergueram as pernas, o próprio verdugo desceu a escada e colocou-se em pé de dança.



O moço então — ao vê-los naquela pouco parlamentar atitude — tocou o mais possível, e agora os vereis: o povo fazia cabriolas; o juiz e o judeu saltavam como que movidos por molas; rapazinhos, velhos, magros, gordos, tudo dançava; se até os cães se erguiam nas patas de trás e dançavam como to-

dos! O condenado deu uns acordes mais fortes e nessa ocasião era inexplicável o movimento: pareciam possessos de algum espírito ruim, batendo com as cabeças umas nas outras, pisando-se, acotovelando-se, atropelando-se. Gemiam com dores, e o magistrado, aflito, fatigadíssimo, pediu:

— Não toques mais que eu perdoo-te!

Foi o que o moço quis ouvir, visto que, concordando que o gracejo fora longo, parou e guardou o violino no bolso, desceu os degraus e veio postar-se em frente do rabino que, esfalfado, extenuado exausto, se sentara no chão, respirando a custo.

— Agora és tu quem vais confessar a proveniência da bolsa que me deste, com peças de ouro. Não mintas, de contrário pego novamente no violino e tornas a dançar uma farandola! — tais as palavras que o rapaz dirigiu ao judeu, que confessou terrorificado:

— Roubei-a, roubei-a, tu tiveste direito a ela pela tua honestidade; dei-ta para que não tocasses mais no violino!

Aparecendo o juiz, já um pouco refeito do cansaço, inquiriu do que se havia passado e provando-se que tinha havido roubo, mandou enforcar o rabino.

JOÃO NO AUGUE DA ALEGRIA



Era uma vez um rapaz que dava pelo nome de João e que esteve a servir durante sete anos num lugarejo da província. Ao cabo desse tempo, despediu-se do patrão e disse-lhe:

— Patrão, terminou o meu tempo de serviço para que fora chamado, mas, desejando regressar para casa de minha mãe, precisava que me pagasse o meu salário.

— Como foste sempre fiel e honesto — respondeu o patrão — mereces boa paga; e, pronunciando estas palavras, deu-lhe uma barra quase tão grande como a cabeça do seu antigo criado.

João tirou o lenço da algibeira, embrulhou nele a barra, pô-la aos ombros e meteu pernas a caminho em direção à casa da mãe. Andando sempre, ainda que custando-lhe a andar, por causa do peso do fardo, viu passar a seu lado um viandante trotando satisfeito num bonito e fogoso corcel.

— Que bom há de ser andar a cavalo! — exclamou João em tom alto. — Aquele homem vai ali comodamente sentado, não dá topadas nas pedras, não estraga as botas e anda sem que dê por isso.

— Mas olha lá, ó rapaz — respondeu o viandante que lhe ouvia a exclamativa — porque é que vais a pé?

— Porque assim me é necessário — tornou João. — Levo uma trouxa muito pesada que tem de ir para casa; é ouro, é

certo, mas pesa-me como chumbo e quase me custa levantar o pescoço!

— Queres tu entrar numa combinação comigo? — aventurou o cavaleiro, que fizera estacar o animal. — Fazemos uma troca: eu cedo-te o meu bonito cavalo dando-me tu a barra de ouro!

— Com o máximo prazer! Advirto-o, porém, de que o carregado é pesado!



O viandante depressa se desmontou do ginete, ajudou João a montar-se e em seguida tomou a barra, dizendo ao ingénuo moço, enquanto lhe dava as guias:

— Assim que desejes andar tão veloz como o vento, basta dares um estalido com a língua e gritares: upa, upa!

João ficou louco de contente, apenas se viu escarranchado no cavalo, e partiu a rápido galope. Ao fim de certo tempo, lembrou-se de ir mais depressa ainda, e, dando um estalido com a língua, incitou: upa, upa! O animal, compreendendo a indicação, largou numa corrida desenfreada, dando grandes upas e tais foram eles que o alegre João, não podendo sustentar-se no dorso do animal, caiu estatelado no meio da estrada, quase à beira dum poço. O cavalo continuou a correr, mas um aldeão que vinha em sentido inverso, trazendo uma vaca, agarrou-o pela rédea e assim o levou para junto de João que, levantando-se, estava a ver se havia sofrido algum desastre com o trambolhão.

— Olha que asneira, montar a cavalo! Arrisca-se a gente a deparar com um animal como este que nos atira de pernas ao ar! Nunca mais caio noutra. Agradeço o seu favor, mas não me fale no cavalo; se fosse uma vaquinha, isso então era outro cantar; basta levá-la diante de si, com certo jeitinho; e não é só isso: dá também o leite com que se faz a manteiga e o queijo que nos sustenta. Que não faria eu para assim possuir um animal!

— Se faz nisso muito empenho — alvitrou o aldeão — eu não me importo de a trocar pelo seu cavalo.

João açambarcou logo a ideia, cheio de satisfação; o aldeão montou o animal e depressa se eclipsou.

João tocou a vaca, que ia na sua frente muito devagar, enquanto ia magicando nas vantagens da troca que acabara de fazer:

— Desde o momento em que me não falte uma fatia de pão, e com certeza não será isso o que me há de faltar, posso, quando a fome me apertar, comer manteiga ou queijo, se tiver sede, munjo a vaca, e bebo um excelente leite. Que mais podes ambicionar, ó Janeco?

Ao acercar-se dum albergue, parou e querendo possuir alimento para sempre, deu cabo de toda a comida e gastou os derradeiros escudos numa cerveja. De seguida, tornou a pôr-se a caminho de casa precedido pela pachorrenta vaca.

O sol estava a pino e escaldava o rapaz, e João, encontrando-se num sítio desarborizado, sentiu tanta sede que se lembrou de beber leite; para esse fim, amarrou a vaca a uma sebe e, descarapuçando-se, começou a mungir o animalejo, mas por mais esforços que empregasse não conseguiu uma gotinha de leite. Como era leigo no assunto, magoou a vaca que, com a dor, lhe deu um coice que atirou longe João, que com a dor desmaiou.



Por felicidade, acercou-se um homem que levava, num carrinho de mão, um porco ainda pequeno.

— Que diabo foi isso? — perguntou o homenzinho, ajudando-o a pôr em pé.

João narrou-lhe o sucedido; o homem do porco ofereceu-lhe a borracha, dizendo-lhe:

— Ande, beba-lhe um gole para o pôr firme! E quer saber? A vaca está velha; boa apenas para puxar a uma carroça ou então para ir para o matadouro. Por esse motivo não é para admirar que lhe não conseguisse tirar leite.

— Oh co'a breca! — exclamou João, arranjando o cabelo que se havia emaranhado com a queda. — Quem o diria! O que é verdade é que, matando-se, a vaca ainda alimenta muita gente, mas como acho a carne pouco saborosa, não me servia. Agora se fosse um porquito! Isso era ouro sobre azul! Eu então que sou doido por chispe com feijão branco e chouriço de sangue!

— Ah, sim?! — lembrou o homem. — Então tome lá o porco em troca da vaca!

— Deus o ajude! — aceitou João dando a vaca; puxou o porco pela corda que o segurava no carrinho.

À medida que ia andando, ia pensando que tudo lhe corria em maré de rosas; mal tinha uma contrariedade e logo lhe desaparecia. Nisto encontra um rapazinho que levava debaixo do braço um gordo pato. Deram-se os bons-dias e começaram a conversar. João narrou os seus feitos, gabando-se da sua sorte; em compensação, o rapazito disse que o pato era uma encomenda para um batizado que tinha lugar numa localidade próxima.

— Tome-lhe o peso — aconselhou o rapazelho, agarrando o pato pelas asas. — Pesa bem, não é assim?! Não é caso para espantos, pois há mais de dois meses que foi para a engorda.

Quem o cozinhar pode gabar-se de preparar um excelente banquete!

— E é verdade que sim! — apoiou o nosso João. — Está gordo que é uma beleza! Contudo, o meu porquinho também não está mau!

O rapazito calou-se, mas não fazia outra coisa senão olhar para um lado e para o outro inquieto; em seguida, meneando a cabeça, disse:

— Quer saber uma coisa? Roubaram não há muitas horas um porco a uma das autoridades da terra por onde eu agora fiz caminho. Está-me cá a parecer que é esse mesmo, sim, quase que ia jurar! Que mau bocado lhe fariam passar se o vissem com ele. O menos que lhe faziam era metê-lo numa masmorra muito escura!

João, muito assustado, exclamou:

— O meu amigo é que me pode valer nestes apuros! Uma vez que conhece os cantos à vila, nada mais fácil que ocultá-lo; dê-me o pato que lhe cedo em troca o porco.

— Corro grave risco com a transação — hesitou o moço —, mas para o livrar das mãos da justiça, aceito-a!

Agarrou a corda e, puxando pelo porco, depressa se esgueirou por um atalho. O nosso herói, descuidado e alegre, continuou a andar, raciocinando:

— Fazendo bem as contas, eu ainda ganho com a troca: a carne do pato é muito saborosa e com as penas faço uma almofada.

Depois de haver passado a última localidade antes de chegar à sua aldeia natal, viu um amolador parado com a sua roda que fazia girar cantando.

João estacou e ficou a olhar para o que o homem estava a fazer; em seguida, dirigiu-lhe a palavra.

— Pela sua alegria se vê que tudo lhe corre no melhor dos mundos possíveis!

— Certamente, todo o ofício é ouro em fio, um bom amolador anda sempre endinheirado. Onde comprou esse belo pato?

— Comprar não comprei... foi uma troca que fiz! troquei-o por um porco.

— E o porco?

— Foi em troca duma vaca!

— E a vaca?

— Trocada por um cavalo!

— E o cavalo?

— Por uma bola de ouro do tamanho da minha cabeça!

— E esse ouro?

— Foi a paga que recebi de sete anos de serviço!

— Sim, senhor! — exclamou o amolador. — Não se perde! Se não mudar de tática ainda há de juntar muito dinheiro.

— Parece que sim! — retorquiu João. — Que hei de agora fazer para o conseguir?

— Faça-se amolador. É-lhe necessária apenas uma pedra de amolar... o resto depois vem com o andar dos tempos. Tenho aqui uma; já está um pouco gasta, mas para lha vender não, troco-a pelo pato. Convém-lhe?

— Se convém! — aceitou logo João. — Se suceder, como diz, que nunca me há de faltar dinheiro, serei um rei pequeno, sem cuidados, sem ralações e sem trabalho!

Entregou em seguida o pato ao amolador, que lhe deu uma pedra de amolar e uma outra que apanhara do chão.

— Olhe — disse para o herói do conto —, aqui tem mais uma; esta é magnífica para fabricar uma bigorna e endireitar pregos. Cuide bem dela.

João tomou as duas pedras e lá se foi muito contente, com os olhos brilhando de alegria.

— Nasci dentro de algum fole com certeza — pensou de si para si —, tenho sorte em tudo!

Entretanto como já andava desde manhã sentiu-se fatigado; estava com fome, mas nada tinha com que a matar, por ter comido todo o farnel aquando da troca da vaca. Custou-lhe a andar e volta e meia tinha de parar para descansar; as pedras faziam-lhe muito peso e disse com os seus botões que era bem bom que não as levasse, pois que lhe impediam andar mais ligeiro. Arrastando-se conforme pôde, chegou próximo de uma fonte ficando contente por encontrar com que molhar a garganta e criar alento para a caminhada.

Não querendo estragar as pedras, pô-las no rebordo da fonte e curvou-se para encher o barrete da límpida água que corria da bica; mas, tocando-lhes sem dar por isso, as pedras rebolaram e caíram com grande ruído dentro de água.

João, assim que as viu desaparecer, saltou de contentamento e, ajoelhando-se, agradeceu a Deus, com os olhos marejados, a mercê que lhe havia feito de o livrar daquele peso.

— Era esta a única coisa que me incomodava! Não creio que haja rapaz mais feliz do que eu!

E de coração aberto, não possuindo mais coisa alguma, pôs novamente pernas a caminho e só parou quando chegou à porta de casa de sua mãe.

PELE D'URSO



Em épocas bastante afastadas houve um rapazito que se tornou militar e desde então mostrou heroicidade, sendo o primeiro a avançar ao chover das balas. Enquanto durou a guerra, tudo lhe correu às mil maravilhas; mas assim que se assinaram a paz, o nosso soldado recebeu a soldada que lhe cabia e o comandante da coluna a que o mancebo pertencia disse-lhe que fosse para onde lhe aprouvesse, pois no regimento já não era preciso. Os pais tinham morrido, e o infeliz, nestas condições, não tinha pátria. Não sabendo a quem recorrer, foi ter com os irmãos pedir-lhes guarida enquanto não havia novo rompimento de hostilidades. Ora, como os irmãos eram muito ruins responderam-lhe:

— Em que poderemos empregar-te? Em nada nos poderias ser útil! Trata de te arrumar algures.

Ao pobre soldado só ficara a espingarda; pô-la ao ombro, e resolveu correr mundo. Depressa chegou a uma charneca, onde vegetava um número de árvores muito limitado. Sentou-se cabisbaixo à sombra e começou a matutar na triste situação a que se via reduzido.

— Estou sem dinheiro — pensou —, só conheço o ofício das armas, e agora que estão feitas as pazes, este ofício de nada me pode servir, e o meu fim é morrer de fome.

De repente, ouviu um ruído; voltou-se e viu, defronte de si, um desconhecido, com um casaco verde; estava vestido com esmero, mas tinha pés-de cabra.



— Eu sei o que te falta — disse-lhe o estranho personagem. — Conceder-te-ei tantas riquezas quantas queiras, mas é necessário que não sejas medroso, pois nesse caso não estou para tentar fortuna.

— Soldado e medo são coisas que não se casam — respondeu o rapaz. — Podes tentar.

— Nesse caso, olha para trás! — tornou o diabo feito homem.

O soldado olhou e viu um enorme urso que avançava para ele urrando.

— Ah! ele é isso?! Espera lá que já te vais calar de vez! — e o soldado assim falando apontou e fez fogo tão certo que a bala entrou no focinho do pesado animal que caiu redondo, sem um gemido.

— Está provado que não te falta coragem! Falta ainda outra condição para o contrato.

— Desde o momento em que não seja coisa alguma contrária à minha saúde, estou disposto a tudo o que quiseres.

— A condição é esta: durante sete anos não te lavarás, nem farás a barba, nem te pentearás, nem cortarás as unhas e, por último, nem rezarás. Se te agrada a proposta, dou-te um fato e um manto que não tirarás senão ao cabo desses sete anos. Se morreres entretanto, cairás em meu poder; se, pelo contrário, viveres muito tempo, conquistarás a liberdade e serás rico o resto de teus dias.

O soldado refletiu no perigo que corria, mas, como várias vezes havia enfrentado a morte, decidiu-se a arriscar a vida na empresa, e aceitou a proposta. O diabo despiu o casaco verde, que fez vestir ao soldado, acrescentando:

— Desde que vistas este casaco não te há de faltar dinheiro; mete a mão na algibeira e verás que te não minto.

Dito isto tirou a pele ao urso morto e presenteou com ela o soldado a quem disse:

— Este é que é o teu manto; servir-te-á de cama, porque não te é permitido deitar-te sob lençóis. Como consequência deste nosso contracto todos te chamarão *Pele d'urso*.

Ao terminar a indicação, o demo sumiu-se.

O soldado vestiu o casaco, meteu a mão à algibeira e achou o que o estupendo personagem lhe dissera; em seguida, envolvendo-se na pele de urso, pôs-se a caminho, mostrando-se sempre e em toda a parte bondoso e caritativo. O primeiro ano correu bem, mas ao segundo ano já era um monstro; o ca-

belo tapava-lhe os olhos completamente; a barba parecia um grosseiro bocado de feltro; os dedos afuselavam-se em garras e o rosto estava tão sujo que se houvesse semeado nele qualquer planta, esta não deixaria de se desenvolver. A sua presença afugentava toda a gente; como, porém, por todos os lugares em que passava, ele distribuía esmolas aos pobres, pedindo-lhes que orassem por ele, a fim de que não morresse antes de sete anos, e como usava pagar depressa e bem, nunca ficara ao relento, e tinha sempre quem lhe desse dormida.

Em meados do quarto ano, chegou a uma estalagem, mas o estalajadeiro recusou-se a dar-lhe guarida; este homem nem mesmo consentiu que o estranho hóspede fosse dormir para a estrebaria, receoso de que a presença de semelhante exemplar da espécie humana lhe espantasse os cavalos. Contudo *Pele d'urso* meteu a mão na algibeira, tirando um punhado de dinheiro, e o estalajadeiro, à vista do diabólico íman, curvou-se à imperiosa ambição e consentiu que o estranho viandante ficasse num péssimo quarto interior, mas sob condição de que não se mostraria a pessoa alguma, temendo sempre que a casa, por aquele dever de hospitalidade, perdesse os créditos.

Enquanto *Pele d'urso*, sentado sozinho no humilde casinholo, pensava tristemente na lentidão dos anos que ainda tinha de passar sob aqueles medonhos trajes, ouviu queixumes e suspiros que partiam dum quarto próximo. Como era dotado de bom coração — e sem se lembrar do pedido do hospedeiro — abriu a porta e viu um velho que chorava a bom chorar e que, dolorosamente, punha as mãos na cabeça. *Pele d'urso* acercou-se do companheiro de estalagem que se ergueu subitamente querendo fugir. Ao ouvir, porém, a voz da estranha criatura, serenou, e a sua conversa amável fê-lo animar-se a confiar-lhe as mágoas que o afligiam. Os seus recursos iam diminuindo a olhos vistos; as filhas e ele estavam sujeitos a

sofrer as maiores privações, e tão pobre era que não podia pagar hospedagem ao estalajadeiro, razão pela qual o iam prender.

— Se outro não é o vosso cuidado, consolai-vos — disse *Pele d'urso* ao ouvir a narrativa do velho. — A mim não me falta dinheiro.

Chamou o estalajadeiro e pagou-lhe tudo o que o velho lhe devia, entregando a este uma bolsa recheadinha d'ouro.

Quando o velho se viu tão facilmente livre de apoquentações, não teve palavras para exprimir o seu grande reconhecimento; ao cabo de algum tempo, disse a *Pele d'urso*:

— Siga-me; as três filhas que possuo são perfeitas maravilhas de beleza; autorizo-o a escolher uma para mulher. Assim que souberem da boa ação que praticou em meu favor, serão as primeiras a aceder ao meu desejo. Realmente, o seu espeto é esquisito e pouco atraente, mas a que escolher saberá disfarçar a primeira impressão que é, decerto, desagradável.

A proposta agradou a *Pele d'urso*, que de muito boamente acompanhou o velho. Apesar de afastados de casa, a primeira filha ao vê-lo fugiu, transida de medo, aos gritos. A segunda — valha a verdade — não fugiu senão depois de o ter bem examinado dos pés à cabeça.

— Como posso eu aceitar por marido um ser que não tem espeto humano? Marido por marido, então preferia o urso-pardo que ultimamente se exibiu pelas ruas, que dava ares de homem, vestindo um rico manto e de luvas calçadas! Era feio, mas facilmente me habituaria a vê-lo.

Quando coube a vez da mais novinha esta disse:

— Meu pai, este homem deve ter um bom coração, pois que dúvida alguma teve em livrá-lo de apuros; se, para lhe provar a gratidão de que está obrigado para com ele, lhe prometeu noiva, não se dirá que a sua palavra se não cumpre.

Que alegria não transpareceria no rosto do pobre soldado, se não estivesse tão velado pelo cabelo! O seu coração rejubilou ao ouvir as boas palavras da linda moça! Tirou do dedo um anel que trazia, partiu-o em duas metades e deu uma das partes à rapariga, tendo antes disso o cuidado de escrever o nome na parte que deu à prometida e o dela na metade com que ficou. Feito isto, despediu-se dos seus novos conhecimentos, dizendo-lhes:

— Tenho ainda de correr mundo durante três anos; se voltar ao cabo desse tempo casamos; se não tornar, a sua palavra está desligada do compromisso, pois é prova segura de que morri; rogue a Deus para que me conserve a vida.

A infeliz namorada vestiu-se toda de negro, e sempre que se lembrava do seu prometido as lágrimas corriam-lhe abundantes. As irmãs não se cansavam de a motejar e escarnecer.

— Acautela-te ao estenderes-lhes a mão, não vá ele dar-te a pata! — dizia-lhe a mais velha.

— Sê prudente, pois os ursos são traiçoeiros, e ainda que lhe agradasses, pode muito bem ser que depois te devore! — fazia coro a segunda irmã.

— Tens de fazer-lhe todas as vontades, senão dá urros! — tornava a primeira.

E acrescentava a do meio:

— Sim, sim... e olha que a cerimónia deve ser bem divertida, pois os ursos dançam alegremente.

A pobre criatura conservava-se alheia aos motejos que lhe não faziam diminuir o sentimento que nutria pelo benfeitor de seu pai. Entretanto *Pele d'urso*, percorrendo vários lugares, continuava praticando o bem e semeando dinheiro a rodos em esmolas, na esperança de que os mendigos rogariam por ele. Chegou finalmente o último dia dos sete anos de caminheiro.

Tomou o caminho da charneca e foi sentar-se no mesmo sítio em que se havia sentado sete anos antes. Pouco tempo esteve só, pois que, segundos depois, sentiu soprar o vento e viu na sua frente o diabo olhando-o tristemente; em seguida restituiu ao viandante o seu antigo traje, recebendo em troca o casaco verde que lhe cedera.

— Não te apresses — disse *Pele d'urso* —, primeiro tens de me arranjar convenientemente.

Se a lembrança agradou ou não ao demo é coisa que não podemos averiguar, mas o que é certo é que, com vontade ou sem ela, não teve outro remédio senão ir buscar água, lavar *Pele d'urso*, cortar-lhe o cabelo e as unhas, penteá-lo e fazer-lhe a barba. Limpo e arranjado, *Pele d'urso* voltou ao seu esposto de soldado valente; nunca fora tão formoso.

Assim que se viu livre do diabólico personagem de uma vez para sempre, o herói do nosso conto sentiu-se leve que nem uma pena. Rápido se encaminhou para uma povoação próxima, comprou um fato de veludo, sentou-se numa elegante carruagem puxada por duas parelhas de cavalos brancos, e deu ordem ao cocheiro para se dirigir a casa da noiva. Pessoa alguma o reconheceu; e o futuro sogro, imaginando-o um alto personagem, fê-lo entrar para o gabinete em que permaneciam as filhas. Convidou-o a sentar-se entre as mais velhas que tiveram o cuidado de oferecer-lhe vinhos generosos, doces dos mais finos, enfim fizeram tudo o que puderam para lhe agradar, e dizendo em segredo, entre si, que nunca tinham contemplado personagem tão perfeito. Contudo a noiva, coberta de luto, permanecia sentada defronte dele; não erguia os olhos nem dizia palavra. Por fim, o desconhecido — para nós bem conhecido — pediu ao velho se o autorizava a pedir uma das filhas em casamento, e as duas mais velhas levantaram-se como se mola as impelisse, e foram paramentar-se com os

mais ricos vestidos que possuíam, pois qualquer delas estava crente de que era sobre si que incidia a escolha do desconhecido personagem. Ora, este, quando se viu só com a sua noiva, tirou da algibeira metade do anel que conservara preciosamente, meteu-a num cálice que encheu de vinho generoso, apresentando-o à fiel menina que o aceitou e, depois de o beber, notou no fundo a metade do anel; sentiu pulsar o seu coração; tomou a outra metade que trazia pendente de um colar que lhe envolvia o pescoço, aproximou as duas e viu que se ajustavam perfeitamente. Por então o rapaz disse:

— Sou o teu noivo, o noivo que há três anos viste coberto com uma pele de urso, mas graças a Deus recobrei a minha forma primitiva.

Ao concluir, apertou-a nos braços, e beijou-a na testa. Nessa ocasião, entraram as duas irmãs muito vaidosas com os seus vestidos, e ao verem que o personagem já estava comprometido com a mais moça, é que se lembraram de que não podia ser outro senão *Pele d'urso*, de quem tão pouco haviam feito. Ficaram tão cheias de vergonha e de invejoso ciúme que fugiram do gabinete: uma deitou-se a um poço, e a outra enforcou-se na primeira árvore que encontrou.

À noite bateram à porta; o noivo foi abri-la e reconheceu pelo casaco verde o diabo que lhe disse:

— Fiquei sem a tua alma, é certo, mas em compensação apareceram-me duas!

Aventuras de João-Pequenino



No tempo em que Deus andava pelo mundo, estava um pobre lavrador aquecendo-se à lareira enquanto se lastimava à mulher, que perto dele fiava, desgostoso por não ser contemplado com filhos.

— Que sossego — acrescentou — vai nesta casa enquanto noutras tanto barulho há causado pela alegria e pelos risos da pequenada!

— Tens razão — apoiou a mulher, suspirando. — Oxalá tivéssemos um só, nem que fosse tão pequenino que quase se não visse. Isso me bastaria para nos alegrar e querer-lhe-íamos de todo o coração.

A boa mulher, alguns dias passados, principiou a andar doente, e ao cabo de sete meses foi mãe dum menino tão bem formado que se dissera de todo o tempo, mas muito pequenino. Ao vê-lo, a mãe não se conteve que não dissesse:

— É exatamente como nós o havíamos desejado; não deixa, apesar de mais pequeno do que um dedal, de ser o nosso filhinho.

Por via disso toda a parentela lhe ficou chamando João-Pequenino. Criaram-no tão bem quanto puderam; não cresceu mais, ficando sempre do mesmo tamanho em que nascera. Era muito vivo, muito esperto; e tinha uns olhitos muito brilhantes; e bem cedo mostrou o tino e atividade suficientes para levar a bom termo qualquer empresa a que se abalançasse.

O camponês, certo dia, preparava-se para ir cortar madeira à mata vizinha e disse para consigo:

— Bem precisava eu de quem me conduzisse a carroça.

— Pai — gritou João-Pequenino —, eu guio a carroça, se quer; não se assuste que chegará a tempo.

O homem desatou a rir:

— Isso é impossível! Se és tão pequenino, como hás de segurar a rédea ao cavalo?

— Isso não faz diferença, pai! Se a mãe vai atrelar o cavalo, eu meto-me na orelha do cavalo e ensino-lhe o caminho a seguir.

— Pois então, experimentemos.

A boa da mãe meteu o cavalo à carroça, e introduziu João-Pequenino na orelha do animal; e o João-Pequenino gritava todo o caminho: Vá, cavalo! mas tão distintamente que o animal andava como se na realidade o guiasse algum carroceiro; desta maneira chegou a carroça à mata, indo pelos melhores caminhos.

No momento em que a carroça torneava uma sebe, e se ouvia a voz do rapazinho: vá, cavalo! passaram dois indivíduos desconhecidos que exclamaram estupefactos:

— É inédito! Uma carroça que anda à voz de um carroceiro que não se vê!

— Alguma coisa há de extraordinário; sigamos o veículo para ver onde para!

Continuou a carroça no caminho que levava até parar no sítio onde havia árvores caídas. Assim que João-Pequenino avistou o pai, gritou:

— Então, pai, guiei ou não guiei a carroça? Agora põe-me no chão.

O lenhador, segurando com uma das mãos a rédea, serviu-se da outra para tirar de dentro da orelha do cavalo o rapazito a quem pôs no chão; o rapazinho sentou-se num feto.

Os dois desconhecidos, ao verem João-Pequenino, não sabiam que imaginar, de tal maneira ficaram extáticos com o raríssimo fenómeno. Falaram em segredo e resolveram:

— Este exemplar pode trazer-nos uma fortuna, se quisermos expô-lo a troco de alguns cobres em qualquer povoação; não será mau comprá-lo.

Em seguida encaminharam-se para o camponês, e propuseram-lhe:

— Quer vender-nos esse anãozinho sob a condição que cuidaremos muito dele?

— Não — respondeu o interrogado —, é meu filho e por dinheiro algum eu me desfaria dele.

João-Pequenino, porém, que percebera e ouvira bem toda a conversa, trepou pelas pernas do pai à altura do ombro e segredou-lhe:

— Pai, aceite a proposta, que eu em breve estarei de volta.

Ante esse conselho de João-Pequenino, o pai cedeu-o aos homens por uma valiosa moeda de ouro.

— Onde queres tu colocá-lo? — perguntaram entre si.

— Ora, ponham-me na aba do chapéu; assim posso ver tudo quanto se passa em volta de mim e não há meio de me perderem — alvitrou João-Pequenino, acrescentando: — Mas, cuidado, não me deixem cair.

Os homens assim fizeram; João-Pequenino despediu-se do pai, e foram-se embora com o rapazinho. Fartaram-se de caminhar até ao cair da tarde; nessa ocasião o bocadinho de gente gritou-lhes:

— Parem, que preciso de descer!

— Deixa-te estar no meu chapéu; não estejas com cerimónias, porque os passarinhos também me fazem isso muita vez!

— Não, não quero! — insistiu João-Pequenino. — Ponham-me depressa no chão.

O homem pegou no João-Pequenino e pô-lo no chão num relvado à beira-estrada; João-Pequenino depressa alcançou umas moitas e de repente encafuou-se numa toca de rato que buscara de propósito.

— Boa viagem, meus senhores, continuem o caminho sem a minha companhia — gritou-lhes, rindo.

Quiseram agarrá-lo, fazendo cócegas na toca de rato com palhinhas — como é de uso fazer-se aos grilos, mas perderam o tempo e o feitio, pois que João-Pequenino cada vez se metia mais para dentro da toca, e a noite avizinhava-se, de modo que foram obrigados a ir para casa, fulos e com as mãos a abanar.

Quando já iam longe, João-Pequenino saiu do improvisado esconderijo. Arreceou-se de seguir viagem à noite, por meio de campos, porque partir uma perna não é difícil. Felizmente avistou uma cavidade no topo de uma árvore, exclamando:

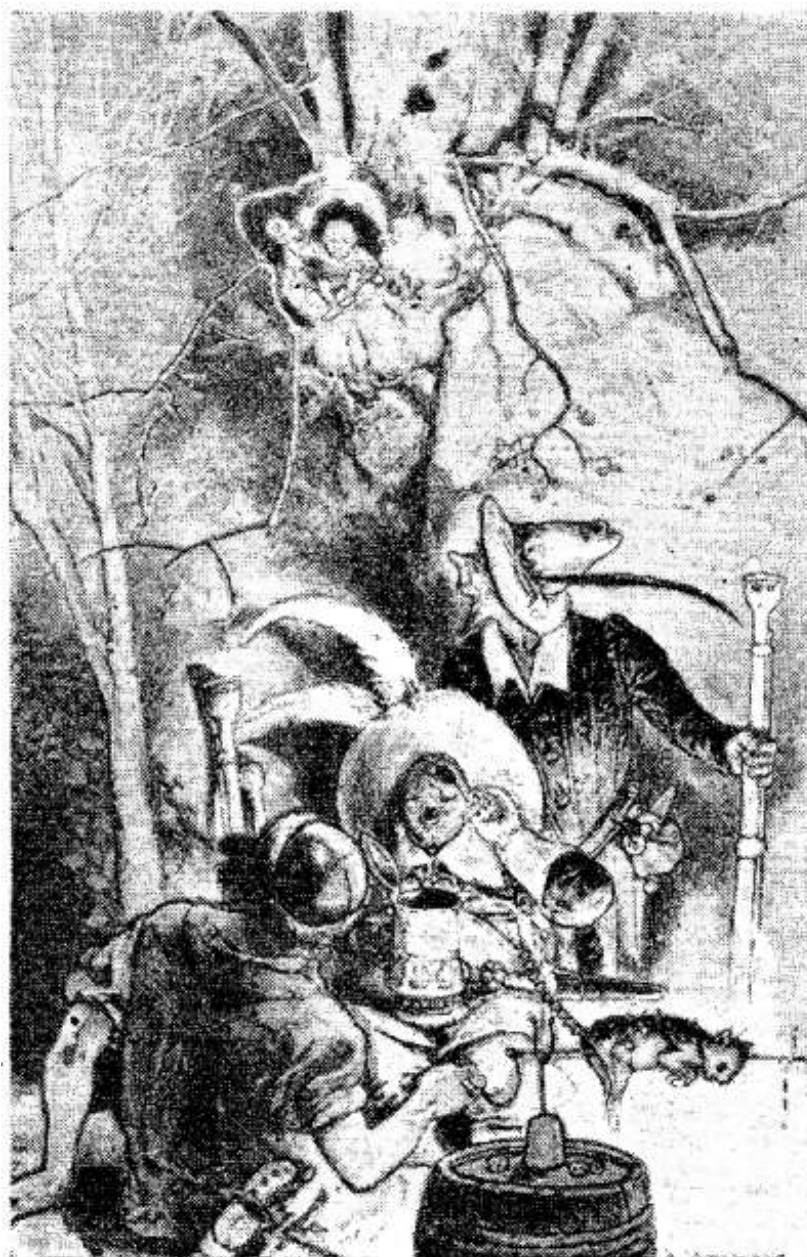
— Louvado seja Deus, já tenho casa para dormir.

Quando ia a pegar no sono, ouviu a voz de três homens que abancaram por baixo da árvore, ceando e conversando:

— Como havemos de proceder para roubar a esse rico pároco toda a sua fortuna?

— Eu lhes digo! — dirigiu-se-lhes a voz invisível.

— Quem está aí?! — gritou um dos ladrões verdadeiramente aterrorizado. — Ouvi uma voz!



Calaram-se para escutar, quando João-Pequenino se tornou a ouvir:

— Tomem-me à vossa conta, que eu vos ajudarei nessa *piedosa* tarefa.

— Onde é que estás?

— Procurem na árvore, no sítio de onde parte a voz.

Os ladrões encontraram-no por fim e exclamaram:

— Pedaco de gente, como é que tu nos podes ser útil!

— Ora, de um modo bem fácil: meto-me pelas grades da janela que há no quarto do pároco e vou-lhes passando tudo o que quiserem.

— Pois bem, seja! — acederam os ladrões. — Vamos à experiência!

Assim que chegaram ao presbitério, João-Pequenino introduziu-se no quarto, e em seguida começou a gritar com toda a força dos pulmões:

— Querem tudo o que está aqui?

Os ladrões amedrontados disseram-lhe:

— Fala mais baixo que acordas toda a gente!

João-Pequenino fazendo ouvidos de mercador, cada vez gritava mais:

— O que é que vocês querem? É tudo isto?

A criada, que dormia no quarto pegado àquele em que o herói da historieta se encontrava, ouviu este ruído, levantou-se da cama e pôs-se de ouvido à escuta; os malfeitores haviam desaparecido, mas ganhando ânimo e, supondo que o rapazito só os queria amedrontar por mera brincadeira, voltaram à carga, e disseram-lhe devagarinho:

— Tem mais tento: passa-nos alguma coisa, anda!

João-Pequenino, se gritava até então, agora quase que berrava:

— Vou dar-lhes já tudo; aparem com as mãos!

Desta feita, a criada ouviu tudo perfeitamente; saltou da cama e correu para a porta. Os gatunos ao pressentirem gente deram às de vila Diogo, como se o Diabo lhes tivesse dado asas; a criada, não ouvindo mais coisa alguma, foi acender uma candeia. Quando apareceu, João-Pequenino, sem que ela o tivesse enxergado, foi esconder-se no palheiro. A criada, depois de ter pesquisado todos os cantos à casa sem que nada

visse, tornou a deitar-se, supondo que tudo o que ouvira fora sonho.

João-Pequenino tinha-se aninhado no feno, onde arranjava uma boa caminha em que contava dormir até manhã, indo em seguida para casa dos pais que a essa hora deviam estar em sobressaltos.

Não pararam porém, aqui as aventuras deste ratão; havia de passar ainda por bem maus bocados. A criada ergueu-se ao amanhecer para dar ração ao gado. A primeira coisa que fez foi ir ao palheiro buscar forragem, donde tomou uma braçada de feno com o infeliz João-Pequenino lá metido muito ferrado no sono. E tão bem dormia que não deu por coisa alguma e quando despertou viu-se na boca de uma vaca, que o engoliu com um bocado de feno. A primeira impressão que sentiu foi a de se julgar caído num moinho de pisoeiro; mas depressa compreendeu onde é que realmente estava. Evitando o meter-se por entre os dentes, deixou-se escorregar pela garganta até ao estômago. O compartimento em que se encontrou parecia-lhe estreito, sem janela, e onde não havia sol, nem luz, nem sequer candeia! A casa em que morava desagradava-lhe bastante, e o que mais complicava a sua crítica situação era a quantidade de feno que lá se armazenava, estreitando mais ainda o pouco espaço em que se continha. Por fim, não podendo mais suster-se do terror que dele se apossara, João-Pequenino gritou o mais que pôde:

— Basta de feno, basta de feno que eu não posso mais... abafo!

A moça do pároco, que nesse momento estava precisamente a mungir a vaca, ao ouvir a voz sem que visse quem falava, mas que reconhecia pela que a tinha acordado durante a noite, assustou-se tanto que saltou do banco em que estava

sentada, entornando o leite. Foi a toda a pressa chamar o pároco para lhe dizer:

— Senhor cura, a vaca fala!

— Tu ensandeceste, rapariga? — respondeu o padre, enquanto despreocupadamente se dirigia para o estábulo, para se certificar do que ouvira.

Não tinha ainda o pároco franqueado o portal quando João-Pequenino gritou de novo:

— Basta de feno... que eu atabafo!

O terror apoderou-se então do padre, que supondo a vaca enfeitiçada, ou que tinha o diabo metido no corpo, disse que era preciso dar cabo dela. Abateram-na, e o estômago, onde o pobre João-Pequenino se via prisioneiro, foi lançado para o estrume.

O rapazito viu-se aflito para se desenvencilhar do malcheiroso sítio em que se conservava, e mal conseguiu ter a cabeça desembaraçada, uma nova desgraça o veio atingir, uma aventura inesperada. Um lobo esfaimado atirou-se ao estômago da vaca, e, chamando-lhe um figo, engoliu-o duma assentada. João-Pequenino não descoroçoou.

— Talvez — pensou com os seus botões — este lobo seja sociável.

E de dentro da barriga, em que estava novamente preso, gritou-lhe:

— Bom lobo, vou ensinar-te o sítio onde há uma excelente presa.

— E onde fica isso? — perguntou o lobo.

— Nesta e naquela casa; pouco trabalho tens: basta-te deslizar pelo esgoto da cozinha; aí encontrarás bons bocados, como toucinho, chouriço à discrição; que mais queres? E olha que te não levo nada pelo conselho!

E assim o esperto João-Pequenino lhe deu os sinais certos da casa do pai.

O lobo não quis ouvir mais, nem se fez rogado, nem sequer foi preciso dar-lhe o recado mais duma vez; meteu-se pela cozinha e comeu à tripa-forra. Quando, porém, quis sair, foi-lhe impossível. Tirou o ventre de misérias de tal maneira que não houve meio de passar pelo cano. João-Pequenino, que tudo previra, começou a fazer um grande barulho no corpo do lobo, aos pulos e em altos gritos; o lobo pedia-lhe:

— Vê lá se estás quieto! Tu assim acordas meio mundo!

— Deixa-me cá... Tu comeste até que te regalaste; agora sou eu que me divirto a meu modo! — e continuou a gritar tanto quanto podia.

Acabou por acordar a família, que veio pressurosa olhar para a cozinha pelo buraco da fechadura. O pai e a mãe ao verem que estava ali um lobo, armaram-se: o pai com um machado e a mulher com uma foice.

— Fica para trás — aconselhou o marido à mulher quando entraram na cozinha, eu vou matá-lo com o machado, mas se o não matar dum só golpe, tu abres-lhe a barriga!

João-Pequenino — ao conhecer a voz do pai — pôs-se a gritar:

— Sou eu, meu pai, sou eu que estou na barriga do lobo!

— Graças! — exclamou o pai louco de contente. — Ora até que enfim que o nosso filho foi encontrado!...

E disse logo à mulher que pusesse de parte a foice não fosse ferir o João-Pequenino. Em seguida com faca e tesoura abriu a barriga do lobo donde saltou lesto o nosso simpático João-Pequenino.

— Não podes calcular, filho — exclamou o pai—, os sustos que temos tido com a tua sorte!

— Acredito, pai... mas olhe, eu fartei-me de correr mundo; felizmente que já vejo a luz do dia!

— Onde tens tu estado?

— Ora, onde tenho estado! Estive numa toca de rato, na cavidade de uma árvore, no feno, na barriga de uma vaca, no estrume e por fim na barriga de um lobo! Agora estou com os meus queridos pais!

— E nós não te tornaríamos a vender por dinheiro algum deste mundo! — disseram os pais abraçando-o e apertando-o contra o coração.

Deram-lhe de comer e vestiram-lhe outro fato, pois o primitivo vinha em estado lastimoso, o que é natural, atendendo aos sítios pouco limpos por onde viajara o nosso João-Pequenino.



Era uma vez uma pobre mulherzinha que deu à luz um filho, e como ele tivesse nascido sob uma boa estrela, não tinha ainda visto a luz do dia, e já prediziam que aos catorze anos casaria com a princesa. Pouco tempo depois apareceu na aldeia, vindo incógnito, o rei, que, perguntando que novas havia, ouvira dizer:

— Não há muitos dias nasceu um rapazinho sob uma boa estrela, o que indica vir a ser muito feliz, demais que já lhe auguraram casamento com a princesa, quando chegasse aos catorze anos.

O rei— que não tinha bom caráter — ficara agastado com a previsão; pediu para lhe indicarem a morada dos pais do rapaz, para onde se dirigiu com sorrisos. Em seguida falou assim:

— Sois pobres, por isso peço que me confieis o rapaz, a quem arranjarei um bom futuro.

Os pais, a princípio, recusaram semelhante proposta; mas o desconhecido ofereceu-lhes uma grossa maquia em ouro; lembrando-se eles da profecia de que, tendo nascido sob uma boa estrela, nada de mau lhe podia acontecer, resolveram aceitar, separando-se do filho.

Assim que dali saiu, o monarca meteu o rapazinho numa caixa, que amarrou à sela do cavalo e continuou a sua rota. Não tardou a encontrar um ribeiro, com certa fundura, para onde atirou a caixa, exclamando:

— E assim livro minha filha de casar com tão desgraçado pretendente!

Mas o mais curioso é que a caixa não naufragou, bem pelo contrário, desceu o rio ao sabor da corrente como se fosse um barquinho, sem que uma só gota de água lhe entrasse dentro. A caixa correu à tona de água até uma distância de duas milhas da cidade; aí encontrou um obstáculo: as rodas de um moinho, onde encalhou. Um moço de moleiro, que por casualidade se encontrava a curtos passos dali, viu-a e rebocou-a com uma fateixa, crente de que encontraria uma riqueza. Abriu-a, pressuroso, mas a riqueza apareceu-lhe na figura de um menino esperto e risonho. Levou-o aos amos que, como não tinham filhos, bem contentes ficaram com o achado, e disseram em coro:

— É Deus que no-lo envia!

Por conseguinte, tomaram-no à sua conta e educaram na prática das boas ações o orfãozinho. Passados anos, o soberano, fugindo a um temporal, refugiou-se certa tarde em casa do moleiro, a quem perguntou se o rapaz que tinha ali era seu filho.

— Não — responderam o moleiro e a mulher. — É um menino abandonado, que há catorze anos veio trazido pela corrente dentro duma caixa até à calha do moinho; o moço, que estava perto, puxou-a e trouxe-a para terra.

A estas declarações, o rei percebeu logo que o rapaz não podia ser outro senão o menino que nascera sob uma boa estrela, e tanto que perguntou:

— Digam-me: este rapaz não podia ir fazer-me um recado, levar uma carta à rainha minha mulher? Dou-lhe duas moedas de ouro por este pequeno trabalho.

— Quando vossa majestade quiser! — redarguíram de pronto moleiro e moleira.

Em seguida mandaram pôr a postos o rapaz.

O rei, entretanto, dirigia esta carta à rainha:

«Mal o rapaz, portador desta carta, aí chegue, dá-te pressa em mandá-lo matar e enterra-o em seguida; o resto será resolvido no meu regresso.»

O mocinho partiu com a carta e chegou pela noite a uma grande mata; por entre a escuridão avistou uma luzinha. Seguiu nessa direção e depressa parou perto de uma cabana. Entrou e viu sentada uma velha, sozinha, ao pé de uma lareira. Ao ver o rapaz ficou transida de medo, e gritou:

— Onde vens e para onde vais?

— Venho do moinho — respondeu — e vou ao palácio levar uma carta à rainha; como, porém, me perdi na mata, muito grato me seria passar aqui a noite.

— Infeliz criatura! — redarguiu a velha. — Vieste ter a uma caverna de salteadores, que, se aqui te encontram, são muito capazes de te darem cabo da pele!

— Venha quem vier, de nada tenho medo; estou bastante fatigado para que possa continuar a jornada.

Ditas estas palavras, sentou-se num banco e adormeceu.

Daí a pouco apareceram os salteadores que perguntaram irritados quem era aquele intruso.

— Ora — retorquiu a velha — é um pobre moço que se perdeu na mata e a quem recolhi por dó; foi encarregado de levar uma carta à rainha.

Os salteadores apoderaram-se da carta, partiram-lhe o sinete e leram, vendo pelo conteúdo que, mal chegasse, o portador seria executado. Esta circunstância tanto os impressionou que o capitão da quadrilha rasgou a carta e escreveu outra em que dizia que mal o portador chegasse lhe fizessem o casamento com a princesa.



Feito isto, deixaram-no dormir sossegadamente no banco até ao dia seguinte; quando acordou, restituíram-lhe a carta e indicaram-lhe a estrada real.

Entretanto, a rainha mal leu a carta, que passara como escrita pelo rei, ordenou grandes festas para o casamento da filha com o rapaz nascido sob uma boa estrela. Como este era perfeito, amorável e dotado de bom coração, a princesa vivia feliz e satisfeita.

Passado algum tempo, o soberano regressou ao palácio, e, com grande espanto seu, viu que a profecia de o rapaz nascido sob uma boa estrela casar com a princesa se realizara.

— Como foi isto arranjado? — perguntou à rainha. — Havia dado outra ordem na minha carta!

A rainha apressou-se a mostrar-lhe a carta a fim de se certificar do que havia escrito. O rei leu-a, e viu que fora trocada. Perguntou ao rapaz o que havia feito da carta que lhe confiara, e como é que havia trazido outra.

— Não sei! — respondeu o rapaz. Só se me foi roubada na noite que passei na mata; aproveitando-se do meu sono.

O rei respondeu irritado:

— Não me serve essa desculpa, e tanto que minha filha não te pertence, enquanto me não trouxeres do inferno três cabelos de ouro da cabeça do diabo; satisfeita esta condição, restituo-te a princesa.

O soberano, falando assim, cuidava que ficaria livre dele de uma vez para sempre. Como resposta, o rapaz nascido sob uma boa estrela disse ao rei:

— De boa vontade aceito a sua proposta de trazer os três cabelos de ouro, tanto mais que não tenho medo do diabo!

Ditas que foram estas palavras, despediu-se e pôs-se a caminho.

Esta estrada ia ter a uma cidade, às portas da qual estava uma sentinela que lhe perguntou em que ele poderia ser-lhe útil e o que é que sabia.

— Sei tudo — respondeu o rapaz nascido sob uma boa estrela.

— Nesse caso, podes-nos indicar com facilidade a razão por que a fonte do mercado donde corria vinho, hoje não deita nem uma gota de água?

— Depois o direi — respondeu o nosso viandante. — Espere que eu volte.

Em seguida, continuou o seu caminho até chegar às portas doutra cidade. A sentinela, que estava no seu posto, perguntou-lhe igualmente em que é que ele podia tornar-se útil e o que é que sabia.

— Sei tudo...

— Por conseguinte, só tu nos podes prestar um grande serviço em nos dizer qual o motivo por que a árvore da praça, que antigamente nos dava maçãs de ouro, hoje nem sequer folhas apresenta.

— Quando voltar darei explicação — respondeu.

E lá foi andando, andando até que chegou a um largo rio que precisava de atravessar. O barqueiro, que estava próximo, perguntou-lhe também em que é que ele lhe poderia ser pres-tável e o que é que sabia.

— Sei tudo! — retorquiu o viajero nosso conhecido.

— Pois tu é que estás nas melhores condições para me dizer qual a causa por que é que ando a remar neste barquinho de um lado para o outro sem que possa livrar-me deste encargo.

— Dir-to-ei à volta — respondeu.

Assim que se viu na margem oposta, reparou logo na boca do inferno. Estava escuro, e chegava-lhe ao nariz o cheiro da fuligem. O diabo não estava em casa. Só lá estava a mãe, sentada numa larga poltrona que perguntou ao arrojado mocinho:

— Que queres tu daqui? — e olhava-o com certo ar de simpatia.

— Queria possuir três cabelos de ouro da cabeça do diabo, pois que se não os consigo, fico sem a minha noiva.

— É querer muito — retorquiu a velha — porque se o diabo entra e te vê aqui, não ganhas para o susto; mas tenho pena de ti e por isso te auxilio.

Quando acabou de falar, transformou-o numa formiga e aconselhou-o:

— Mete-te numa das pregas da saia, pois ficarás seguro do perigo.

— Está bem, mas eu desejava três respostas a três perguntas: qual a razão por que uma fonte que antigamente deitava vinho, agora nem uma gota de água deita; porque é que uma árvore que dantes dava maçãs de ouro, agora nem folhas tem; e, finalmente, qual o motivo por que um pobre barqueiro tem de remar duma banda para a outra, sem que se substitua.

— São problemas com certa dificuldade de solução, mas ouve com atenção e não dês palavra; escuta com cuidado as respostas que hão de coincidir com o arranque dos três cabelos de ouro.

Ao anoitecer, voltou o diabo. Ainda bem não tinha posto o seu pé de cabra dentro do inferno, e já notava um certo cheiro que lhe era estranho.

— Cheira-me a carne humana — dizia ele fungando. — Alguma coisa há aqui que não é costume!

E pôs-se a esquadrinhar por todos os cantos, mas nada encontrou. A mãe, então, ralhando-lhe, disse:

— Ainda agora arrumei a casa e andas tu a pôr tudo em polvorosa; não tens outro cheiro que não seja o de carne humana! Anda daí, senta-te e come, que o teu mal é fome!

Depois de ter comido e bebido bem, sentiu-se cansado, colocou a cabeça no regaço da mãe, a quem pediu para o embalar. Não tardou a adormecer, roncando que nem um porco e assobiando como uma locomotiva. A velha aproveitou esse ensejo para lhe arrancar um cabelo de ouro.

— Ai! — fez o diabo— , que faz mãe?

— Ora, deixa-me cá: tive um sonho terrível, e por isso é que te arrepelei.

— Com que sonhou então?

— Sonhei que uma fonte que antigamente dava vinho, agora nem água deita. Porque será?

— Se soubesse! — respondeu o demo. — Debaixo duma pedra vive um sapo; assim que o matem, a fonte continuará a deitar vinho.

A velha tornou a embalá-lo e daí a pouco Satã ressonava e assobiava em alto ruído, e com tal força que até as vidraças estremeciam. A velha, vendo-o assim, arrancou-lhe o segundo cabelo.

— Ui! — gritou sobressaltado o rei dos infernos. — Que pesadelo foi esse mãe?

— Não te apoquentes, filho, foi um outro sonho que tive.

— E de que constava ele? — interrogou Belzebu.

— De uma árvore que antes produzia maçãs de ouro e que atualmente está despida de folhas. Qual a razão de tal caso?

— Ora, é bem simples! — tornou o demónio. É um rato que rói a raiz. Matem-no que a árvore continuará a dar maçãs de ouro; de contrário, o rato continuará na sua obra de destruição e a árvore definhará. Mas deixe-me sossegado com sonhos; se me torna a acordar, não tenho outro remédio senão faltar-lhe ao respeito.

A velhota ameigou-o com boas palavras, e continuou acaalentando-o, até que o viu de novo ferrado no sono; então, arrancou-lhe o terceiro cabelo. O diabo deu um pulo, soltou um grito e ia-se zangando deveras com a mãe, mas esta cortou-lhe os ímpetos, dizendo:

— Oh, filho, quem é que é superior aos sonhos!

— Que sonho foi esse para assim me despertar! Decerto é muito curioso!

— Sonhei que um barqueiro se lastima bastante em andar de uma banda para outra sem que seja substituído.

— Porque é um asno chapado! — exclamou Satanás. — Ao primeiro passageiro que lhe peça para atravessar a margem, não tem mais do que entregar-lhe os remos e pirar-se!...

Agora a velha, que já tinha arrancado os três cabelos de ouro e que tinha na mão a chave dos três enigmas propostos, deixou em paz o diabo, que dormiu a sono solto até madrugada.

Logo que o demónio saiu de casa, a velha pegou na formiga, deu de novo figura de gente ao rapaz nascido sob uma boa estrela, e disse-lhe:

— Aqui tens os três cabelos de ouro; quanto às respostas dadas pelo diabo às perguntas que formulaste, creio que as ouviste.

— Certamente que as ouvi e não me esquecem.

— E assim alcançaste o que querias — continuou a boa velha. — Agora podes tornar para donde vieste.

O mocinho agradeceu muito o auxílio que a velha lhe havia prestado e saiu do inferno bem contente por haver conseguido os seus fins. Assim que chegou perto do barqueiro, este lembrou-lhe logo o cumprimento da promessa que lhe fizera.

Mas o rapazito, que era bastante sagaz, respondeu:

— Conduze-me à outra margem, que então te direi o que hás de fazer para te veres livre daqui.

Logo que pôs o pé na outra margem, o rapaz cumpriu a palavra:

— Logo que se apresente um novo passageiro para que o ponhas na outra margem, entrega-lhe os remos e safate.

Seguiu a sua rota, e depressa chegou às portas da cidade, onde existia a árvore estéril; a sentinela aguardava o rapaz para que não se esquecesse do prometimento.

— Matem o rato que rói a raiz da árvore, se querem ver a árvore carregadinha de maçãs de ouro — aconselhou o moço.

A sentinela, grata com a resposta, compensou-o com dois burros carregados de ouro. Para encurtarmos razões, o rapaz nascido sob uma boa estrela depressa alcançou as portas da cidade, onde havia a fonte que estava sequinha. Aqui, repetiu também à sentinela as palavras do diabo:

— Debaixo de uma pedra está um sapo; assim que o matarem, continuará a fonte a dar vinho abundantemente.

A sentinela agradeceu muito e, em paga, deu-lhe também dois burros carregados d'ouro.

O rapaz nascido sob uma boa estrela estava, dali a pouco, em presença da noiva, a quem abraçou, e que ficou contente em tornar a vê-lo. Foi levar ao rei os três cabelos de ouro do diabo; e o soberano, ao ver os quatro burros carregados de ouro, demonstrou claramente a sua alegria, dizendo:

— Agora que satisfizeste todas as condições, tens minha filha por tua mulher. Mas diz-me, meu caro genro, como é que arranjaste todo esse ouro?

— Atravessei um rio, cuja margem é de ouro, em vez de areia. Foi aí que o apanhei.

— É muito difícil fazer igual colheita? — perguntou o monarca, cujos olhos cintilavam de cobiça.

— É fácilimo tomar tanto quanto se deseje — continuou o rapaz nascido sob uma boa estrela. — Há um barqueiro próximo; peça-lhe que o conduza à outra margem, e desta maneira pode trazer os sacos que quiser cheios de ouro.

O monarca, mordido pela ambição, depressa se pôs em marcha. Chegado à margem do rio pediu ao barqueiro para o

levar à outra margem. O barqueiro apressadamente disse ao rei para entrar no barco, e assim que chegaram ao outro lado do rio, o barqueiro entregou-lhe os remos e saltou lesto para terra.

— E ainda lá está o rei feito barqueiro? — perguntarão os meus amáveis e gentis leitorzinhos.

— Está e estará até que expie por completo todas as suas culpas.



Era uma vez um sapateiro que, por vicissitudes da vida, empobreceu tanto que só conseguira comprar material suficiente para um par de sapatos. De noite talhou a pele para no dia seguinte os concluir; como era bom, deitou-se tranquilamente, orou e adormeceu.

No dia imediato, ao erguer-se, ia pegar na tarefa, mas achou em cima da mesa o par já feito. Ficou altamente surpreendido, mas não compreendia o que o facto queria dizer. Pegou nos sapatos e viu-os, examinou-os de todas as formas e feitios, mas defeito algum lhes encontrou, tão bem acabados estavam; eram o que se chama uma obra-prima, um encanto.

Entrou-lhe em casa um freguês, a quem agradaram tanto os sapatos que os comprou mais caros do que costumava, e com este dinheiro o sapateiro arranjou material para outros dois pares. Nessa mesma noite os talhou para no dia seguinte os concluir, quando, ao despertar, os viu já prontos; desta vez, ainda, não faltaram compradores e, com o produto da venda, pôde conseguir material para quatro pares.

No dia seguinte os quatro pares estavam prontos; finalmente, tudo o que talhava de véspera lhe aparecia feito de manhã, ao acordar; de modo que, sem grande trabalho, se achou remediado.

Uma noite, porém, pelas proximidades do Natal, quando acabara de talhar os sapatos e se ia deitar, disse para a mulher:

— E se nós velássemos esta noite para ver quem é que nos ajuda?

A mulher aprovou a ideia, e, deixando a candeia acesa, esconderam-se num armário onde havia roupa e na qual se ocultaram à espera dos acontecimentos. Ao dar a meia-noite, dois bonitos gnomos entraram no quarto, sentaram-se na tripeça do sapateiro e, pegando na pele talhada, com as pequeninas mãos ajustaram, coseram e bateram sola, com tanta agilidade e presteza que era um gosto vê-los.

Trabalharam sem descanso até que deram fim à tarefa, e desapareceram num ai!

Na manhã imediata alvitrou a mulher:

— Estes gnomozinhos enriqueceram-nos, e nós devemos mostrar-lhes a nossa gratidão; eles devem sentir frio, sem nada que os tape. Sabes do que me lembrei? Fazer-lhes três camisinhas, calças, colete e casaco para eles vestirem e umas meiazinhas para calçarem; e para completar o brinde, tu fazias-lhes uns sapatinhos.

O marido concordou com a mulher, e deram logo princípio à obra, e, decorridas bem poucas horas sobre tão simpática resolução, à tarde, estava tudo pronto; colocaram, pois, marido e mulher, as suas prendas em cima da mesa, justamente no sítio em que era costume porem nos outros dias a obra talhada, e esconderam-se para verificarem o que os gnomos faziam. Meia-noite a dar e eles a aparecerem para dar começo à tarefa; mas em vez dos sapatos cortados para eles fazerem, como tinha sucedido nos dias antecedentes, encontraram essas vestimentas, o que lhes causou admiração, que daí a pouco cedeu o lugar a uma grande alegria. Vestiram os fatos com

presteza, viram que lhes ajustavam como uma luva e começaram a dançar, a saltar por cima das cadeiras e dos bancos, e a cantar saíram.

Desde então, nunca mais os viram. O sapateiro, porém, continuou a ser feliz enquanto viveu, tendo tudo quanto ambicionava.



Era uma vez um rei que tinha três filhos; os dois mais velhos eram alegres e palradores, e o mais moço de poucas falas e muito acanhado, razão por que o tinham na conta de simples.

Quando o monarca chegou a velho, quis fazer testamento; mas viu-se bastante embaraçado por não saber a qual dos três filhos legar a coroa. Certo dia, porém, chamou-os e disse-lhes:

— Ponham-se a caminho, e aquele que trouxer o tapete mais finamente tecido é que ficará sendo rei por minha morte.

Dizendo isto, para evitar qualquer má vontade dos irmãos, andou alguns passos para fora do palácio e, fazendo voar três penas, indicou-lhes:

— Cada um de vocês deve encaminhar-se na direção que estas penas levarem.

A primeira pena voou para o oriente, a segunda para o ocidente e a última volitou uns segundos e foi cair a alguns passos de distância.

Por, isso, o mais velho tomou o caminho da direita, o do meio voltou à esquerda e o mais novinho — troçado pelos mais velhos — encaminhou-se para o sítio onde caíra a terceira pena.

O pobre moço, apoquentado e triste, deitou-se no relvado. De repente notou uma porta subterrânea no lugar em que a

pena caíra. Abriu-a e reparou numa escada, que se aventurou a descer. Uma vez em baixo, deu de rosto com outra porta, em que bateu. Então ouviu uma voz que — em frase cabalística — a mandou abrir.

Quando a porta girou nos gonzos viu-se um enorme sapo, tendo à volta uma porção de sapinhos. O sapão perguntou ao rapazito o que é que desejava, ao que o interpelado retorquiu:

— Não seria fácil arranjar-se um tapete bonito e finamente tecido?

Palavras não eram ditas e já o sapão gritava a um dos sapinhos, que, num pulo, lhe trouxesse um cofre.

O sapinho assim fez; o sapão abriu-o e tirou de dentro um tapete tão ricamente tecido como nunca no mundo se havia visto igual, com o que presenteou o rapazinho, que agradeceu muito e se pôs em marcha.

Ora, os dois irmãos refletiram de si para si que o irmão era tão palerma, que se escusavam de se cansar muito para toparem com um tapete decerto superior ao que ele conseguisse.

Assim deitaram a mão ao primeiro pano de lã grosseira que uma guardadora de porcos trazia, e vieram entregá-lo ao rei. Pouco depois, apareceu o irmão mais novo com o magnífico tapete.

O régio personagem, no auge da surpresa, exclamou:

— O reino pertence ao mais moço!

Os irmãos é que não estiveram pelo ajuste e observaram ao velho pai que tal resolução era impraticável, pois o irmão não passava de um pateta; tais rodeios arranjam, tais razões, que o monarca, já fatigado de tanta verbosidade, não teve remédio senão tentar segunda experiência.

— Será rei por minha morte aquele que me trazer o mais valioso anel.

Conduziu novamente os três filhos a alguns passos distantes do palácio e fez voar três penas, cuja direção deviam tomar. Como da primeira vez, os dois mais velhos partiram para o oriente e ocidente; quanto à pena do mais moço volitou também por segundos e foi cair dali a poucos passos.

Ao contrário da vez passada, o rapaz não entristeceu, mas apressou-se a descer a escada pela porta subterrânea, em direção à casa do sapão que, de chofre, lhe perguntou o que queria, respondendo em seguida:

— Não será fácil arranjar-se um bonito e valioso anel?

O disforme batráquio mandou buscar o cofre e tirou-lhe de dentro um anel riquíssimo e tão artisticamente cinzelado, que ourives algum do mundo seria capaz de apresentar outro do mesmo gosto.

Ora os dois irmãos, rindo-se ao pensar que o simples moço havia de conseguir um anel precioso, não se deram a grandes trabalhos, certos de que se sairiam melhor do encargo do que aquele, e assim arrancaram a primeira argola que viram presa numa parede e que servia para segurar os animais, e foram ter ao palácio dá-la ao rei. O velho monarca nem sequer teve de comparar, exclamou:

— É ao terceiro que faço rei!

Contudo, os dois mais velhos de novo convenceram tão bem o velho rei da nulidade do irmão que o monarca consentiu em fazer terceira tentativa, a última. Decidiu-se que herdava o trono o que trouxesse a mulher mais formosa. Como das vezes passadas, as três penas foram deitadas ao ar e tomaram as mesmas direções.

O moço-simples desceu pela terceira vez a casa do sapão.

— Não seria desejar muito, pedir uma formosa mulher?

— Cáspite! — exclamou o grande batráquio. — Uma formosa mulher?! E porque não hás de tê-la?!

Ditas que foram estas palavras, o sapão deu-lhe uma beterraba oca puxada a seis ratos brancos.

Ao ver tão curiosa carruagem, o pobre rapaz perguntou com certa tristeza:

— Que faço a isto?

— Agarra um de meus filhos — respondeu o sapo — e mete-o dentro desse carro.

A esta indicação, pegou ao acaso num dos sapinhos e meteu-o na beterraba; mal aí foi colocado, o bicharoco ficou transformado numa menina de formosura maravilhosa, a beterraba numa luxuosa equipagem e os seis ratos em três parelhas de cavalos brancos de neve. Em seguida, o mocinho subiu para a boleia, abraçou a moça e depressa seguiu para o palácio. Os dois irmãos mais velhos chegaram daí a pouco, mas faziam tão mau juízo da escolha que o mais moço faria, que ficaram satisfeitos com a primeira campônia que lhes apareceu e que levaram a palácio. Desta vez ainda — o que não é para assombros — o monarca disse:

— É ao mais moço de meus filhos que pertencem as rédeas do governo após minha morte!

O que é certo é que pela terceira vez ainda os dois irmãos tentaram murmurar contra a resolução do pai e pediram para que — em última experiência — fosse proclamado rei aquele cuja mulher saltasse pelo meio de uma argola suspensa a meio da sala. E propondo isto acrescentaram:

— As camponesas facilmente saltarão, são bastante fortes para estes exercícios; quanto a essa arvéloa, fraca e delicada, cai e parte a cabeça.

Muito instado, o rei cedeu a esse capricho que começou.

As duas camponesas foram as primeiras a saltar, mas, pesadas e gordas como eram, caíram, partindo braços e pernas. Ao contrário, a moça trazida pelo mais novo formou salto tão

elegante, que atravessou graciosa e rapidamente a argola e caiu em pé.

Ante esta última experiência ficou decididamente reconhecido como herdeiro ao trono.

Efetivamente, assim que o velho monarca fechou os olhos, foi aclamado rei e ainda agora se fala da sabedoria com que nesse país governou.



Em épocas muito longínquas, o povo de uma grande capital — cujo nome nos não ocorre — erigiu um lindo templo dedicado à padroeira dos músicos — Santa Cecília, segundo a tradição.

Eram das cores mais vivas e vistosas as flores escolhidas para cobrir o altar, a roupagem da santa toda em prata filigranada e os sapatos executados em ouro, pelo mais hábil ourives-cinzelador que vivia nessa cidade. A igreja estava sempre repleta de devotos e peregrinos. Em romagem, entrou lá certo dia um infeliz violinista, macilento, esquelético e franzino. Como a caminhada fora longa, o pobre estava fatigado e no seu alforje já não havia uma migalha de pão nem na sua algibeira um ceitil para o comprar.

Apenas entrou no templo, principiou a dar uns acordes de violino tão suaves, tão expressivos, tão melodiosos, que a santa enterneceu-se tanto com a sua pobreza e com aquela música maviosa, que — ao ele findar — se baixou, descalçou um dos sapatos de ouro e deu-o ao infeliz menestrel, que, doidamente alegre, bailando, cantando e chorando, ao mesmo tempo, se encaminhou para uma ourivesaria com o fim de o trocar por dinheiro.

O joalheiro, porém, conhecendo o sapato como sendo o da santa, prendeu o violinista, levando-o ao juiz. Formaram processo, foi julgado e condenado à pena última.

Aproximara-se o dia da execução; os sinos tocavam lamentavelmente, e o triste cortejo pôs-se em marcha, acompanhado por cânticos dos frades, mas, apesar disso, não deixavam de ouvir-se os lindos acordes que o infeliz condenado tirava do seu maravilhoso violino; era uma última concessão que lhe havia sido dada, até soar o derradeiro instante. O cortejo parou mesmo defronte do templo da santa e, assim que ali chegou, o pobre músico suplicou que o conduzissem ao altar da santa, a fim de tocar o seu último acorde melodioso.

Os frades e os chefes dos soldados que o escoltavam concederam-lhe essa graça, e o violinista entrou, ajoelhou-se aos pés da padroeira dos músicos e, com os olhos marejados de lágrimas, principiou a tirar deliciosos acordes do seu violino.

O povo, então, atônito e admirado, notou que Santa Cecília se baixava, descalçava o outro sapato e o metia nas mãos do pobre músico. A este maravilhoso espetáculo, todos os circunstantes levaram em triunfo o violinista, puseram-lhe na cabeça uma coroa feita de flores, e os magistrados dirigiram-lhe as mais solenes e as mais honrosas homenagens.